



A IMPORTÂNCIA DAS ANÁLISES DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS PARA A TOMADA DE DECISÕES

Marco Antonio Damasio Filho¹

RESUMO: Em um ambiente organizacional complexo as empresas necessitam de uma maior exatidão nas informações para que estas auxiliem no processo da tomada de decisões. A contabilidade, exercendo sua função de assessoria, fornece estes dados que, transformados em informações, figuram como sendo de grande valia para os gestores. Em um mercado onde conhecer a própria empresa é fator decisivo para que se alcance o sucesso planejado, a análise das demonstrações contábeis pode ser considerada como uma ferramenta de grande importância, pois por meio dela, pode-se alcançar um melhor panorama de conhecimento acerca do negócio, uma vez que, estudando a real situação da empresa, é possível tomar decisões estruturadas em bases mais realistas. O objetivo do trabalho foi o de enfatizar a importância da análise das demonstrações contábeis como instrumento de gestão, sendo de grande valia para a análise da estrutura patrimonial das empresas, uma vez que, por meio da utilização dos seus indicadores de desempenho, pode-se, diagnosticar as mudanças e os impactos das mesmas na parte econômica e financeira da organização. Para tal foram utilizadas como referências obras bibliográficas das áreas de contabilidade, para fundamentar a pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Análise das demonstrações contábeis; Instrumento de gestão; Índices de desempenho.

1 INTRODUÇÃO

As empresas atualmente convivem em um ambiente organizacional complexo, onde informações seguras fazem a diferença para a tomada de decisão. Para conhecer uma empresa, bem como a sua real situação econômica e financeira, é necessário analisar os números provenientes do histórico de suas atividades, que são evidenciados por meio das Demonstrações Contábeis.

As Demonstrações Contábeis evidenciam a situação econômica e financeira das empresas, uma vez que trazem em si, por meio dos dados, o panorama e o perfil que as mesmas têm em cada exercício. Para que seja feita uma avaliação, tendo por objetivo o conhecimento, é necessário que estes dados sejam transformados em informações. Para Matarazzo (2003), "...os dados são números ou descrição de objetos ou eventos que, isoladamente, não provocam nenhuma reação no leitor". Assim, pode-se interpretar como informações a transformação dos números em linguagem simplificada para quem as recebe, sendo desta forma, capaz de atender as necessidades, influenciando nas decisões.

Analisando as Demonstrações Contábeis torna-se possível realizar uma comparação a partir das informações reais, com o que se espera no futuro, indicando mudanças, e principalmente, diagnosticando possíveis problemas e soluções, isso por meio dos índices. Uma vez que, possuir informações precisas são de fundamental valor para a tomada de decisão, acredita-se que a análise das demonstrações contábeis é um instrumento de grande valia para as empresas, pois viabiliza o conhecimento da real situação da empresa, transformando os dados em informações úteis para os gestores. Assim, o objetivo deste trabalho é demonstrar como a aplicação dos indicadores de desempenho pode auxiliar na tomada de decisões.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para a elaboração do presente trabalho, realizado por meio de pesquisas bibliográficas, foram utilizadas obras das áreas de contabilidade e administração, possuindo a análise do referencial teórico como metodologia empregada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise das demonstrações contábeis, como parte da contabilidade, teve o seu surgimento ligado a ela. Segundo Assaf Neto (2002, p. 48) "através das demonstrações contábeis levantadas por uma empresa, podem ser extraídas informações a respeito de sua posição econômica e financeira." Desta forma, chega-se à conclusão de que é necessário compreender as informações contidas nas demonstrações contábeis para possuir um maior conhecimento sobre as atividades da empresa. Acredita-se que desde que existe a contabilidade, existe também uma forma, ainda que simples em relação à utilizada atualmente, de se analisar os dados contábeis. Marion (2010, p. 6), afirma que:

¹ Graduado no Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Metropolitana de Maringá - FAMMA, Maringá – PR. Bolsista do ProUni. marcodfilho@hotmail.com.



Se nos reportarmos para o início provável da Contabilidade (+ 4000 a.C.) em sua forma primitiva, encontraremos os primeiros inventários de rebanhos (o homem que voltava sua atenção para a principal atividade econômica: o pastoreio) e a preocupação da variação de sua riqueza (variação do rebanho).

Ainda que o surgimento das análises tenha sua origem na antiguidade, a forma mais consistente e que mais se aproxima da atualidade, deu-se nos EUA, por volta do fim do século XIX, onde os banqueiros solicitavam as demonstrações contábeis às empresas com quem pretendiam negociar. Desta forma, nota-se além do surgimento do termo da Análise de Balanços, também um exemplo de usuários destas informações, neste caso, os Bancos. A exigência dos Bancos em relação às informações sobre as empresas fez com que cada vez mais esta prática se difundisse, e a partir de então se tornando quase obrigatória. Com o passar do tempo, ocorreu a padronização destas informações, visto que elas não eram preparadas adequadamente e não possuíam uniformidade em relação as terminologias e estrutura. Segundo Matarazzo (2007, p. 21), “... uma importante contribuição para a melhoria da forma de apresentação das demonstrações contábeis e financeiras foi feita pelo *Federal Reserve Board*, em 1918, através de um livreto que incluía formulários padronizados...”.

O modelo de Análise das demonstrações por meio de índices foi apresentado mais tarde, já no início do século XX, por Alexander Wall, que para Matarazzo (2007 p. 22), era “... considerado o pai da Análise de Balanços, demonstrando a necessidade de se considerar outras relações, além de Ativo Circulante contra Passivo Circulante”. As diferentes empresas possuem diversas peculiaridades em relação as suas atividades, sendo importante para todo o gestor, possuir o conhecimento sobre estas atividades e os números provenientes delas, neste caso as informações contidas no Balanço Patrimonial e demais instrumentos contábeis.

Para que sejam melhor aproveitados, esses dados devem ser analisados de forma a transmitir ao analista o perfil da empresa atualmente e, principalmente, realizar uma comparação com os períodos anteriores de forma que, seja possível identificar as modificações ocorridas e para que se tenha um diagnóstico da situação da empresa. Para Padoveze e Benedicto (2007, p. 77):

O objetivo da análise das demonstrações contábeis compreende a indicação de informações numéricas, preferencialmente dois ou mais períodos regulares de modo a auxiliar ou instrumentalizar gestores, acionistas, clientes, fornecedores, instituições financeiras, governo, investidores e outras pessoas interessadas em conhecer a situação da empresa ou tomar decisão.

Deste modo, os gestores podem ser considerados os principais usuários, porém, não os únicos, evidenciando a ampla importância das Análises de Demonstrações Contábeis em todo o contexto organizacional. As demonstrações contábeis podem ser devido à sua abrangência, um instrumento gerador de informações que se aplicam a diversos contextos na parte organizacional. Deste modo, os dados nelas contidos podem ser utilizados por diversas entidades que direta ou indiretamente estejam interessadas na situação econômica da empresa. Essas entidades, com diferentes interesses sobre a situação empresa, podem ser chamadas de usuárias das demonstrações contábeis.

De acordo com Assaf Neto (2002, p. 52):

Os dados e informações da análise das demonstrações contábeis de uma empresa podem atender a diferentes objetivos, consoante os interesses de seus vários usuários ou pessoas físicas ou jurídicas que apresentam algum tipo de relacionamento com a empresa. Neste processo de avaliação, cada usuário procurará detalhes específicos e conclusões próprias e, muitas vezes, não coincidentes.

Deste modo, conclui-se que as informações contábeis servem para uma vasta quantidade de pessoas ligadas à empresa. Dentre os grupos de pessoas as quais as análises das demonstrações contábeis influenciam na tomada de decisões, os usuários internos são aqueles diretamente ligados à empresa. Estes usuários podem ser funcionários, gestores, etc. A eles, interessa a parte gerencial que pode servir como ferramenta útil no processo de gestão, tal como a situação econômica e financeira, seus índices de liquidez etc. Ao analisar as informações contidas nas demonstrações é que os gestores da empresa irão possuir a dimensão da real situação da empresa, sendo assim, poderão tomar decisões apropriadas segundo as necessidades e oportunidades existentes.

Assim como os usuários internos se utilizam das demonstrações contábeis para ter o conhecimento sobre a sua empresa, os usuários externos o fazem para possuir as informações necessárias para saber, ou ter uma noção da situação econômica e financeira em que as outras empresas se encontram. Podem ser caracterizados como usuários externos, de forma geral, os fornecedores, que necessitam saber sobre as condições da empresa, para fins de pagamento em eventuais compras, os clientes, para identificar possíveis problemas que possam



indicar dificuldades no cumprimento de obrigações comerciais, tais como, entrega das mercadorias vendidas, problemas com a produção, etc. Além dos já mencionados, Figuras como parte importante no contexto de usuários externos, os Bancos, Acionistas e Instituições Públicas, que de forma indireta, necessitam ter o conhecimento sobre a saúde da empresa, para a satisfação de diversos interesses individuais e coletivos. Considerando a extrema diversidade organizacional existente, além toda a variedade de ramos de comércio e produção, conclui-se que o número de contas de uma empresa tende a ser grande, tornando as informações mais abrangentes. O fato dos dados estarem divididos ao longo dos relatórios pode tornar mais difícil o trabalho do analista. Na concepção de Matarazzo (2007, p. 135): “as demonstrações financeiras devem ser preparadas para a análise, da mesma forma que um paciente que vai submeter-se a exames médicos”. Deste modo ficaria a critério do analista efetuar uma padronização, o que poderia facilitar a obtenção de informações e do significado que elas representam.

Além da síntese das informações, a padronização auxilia também na comparação das informações atuais com as anteriores que, devido ao mais conciso número de contas, fica mais simples estabelecer relação a períodos e valores anteriores. (MATARAZZO, 2007). A padronização das contas busca a adequação de objetivos, a precisão na classificação das contas e também agrega valor aos conhecimentos práticos do encarregado de efetuar a análise, tornando-o mais experiente na atividade e obrigando-o a pensar de forma prática, analisar seu conteúdo e sua classificação. Os modelos padronizados podem, em certos casos, evidenciar divergências no confronto das informações, que podem apontar erros ou fraudes a serem investigados pela administração da empresa. Em caso de suspeitas relacionadas a desvios ou práticas ilícitas envolvendo as demonstrações a serem analisadas, o mais prudente, por parte do analista, seria interromper o trabalho até que as dúvidas sejam sanadas. (MATARAZZO, 2007).

As Análises como já mencionado anteriormente, podem ser consideradas como um instrumento de conhecimento para a gestão. Porém, observando as contas do Balanço Patrimonial ou Demonstração de Resultados, muitas vezes não se consegue observar, de forma clara, quais são os pontos positivos ou negativos, ou o que pode oferecer risco para a empresa no futuro. Para que seja mais clara a visão do analista, foi instituída a análise através de índices, que de acordo com Matarazzo (2007 p. 147), podem ser definidos como “... a relação entre contas ou grupo de contas das Demonstrações Financeiras, que visa evidenciar determinado aspecto da situação econômica ou financeira de uma empresa.” Desta forma é que os índices passaram a ser utilizados pela maioria dos profissionais da área. Os índices auxiliam, a quem realiza a análise, a possuir uma noção ou diagnóstico da situação da empresa. Porém, os índices, muitas vezes, podem não traduzir a real condição, funcionando como um alerta do que pode ser observado, mas não necessariamente como norma, podendo até atenuarem-se, em função dos demais indicadores e fatores externos, que fazem parte do contexto da organização. Além de servir como instrumento de conhecimento da empresa e não necessariamente expressar a exata condição da empresa, nem todos os índices são do interesse geral da empresa, variando de usuário a usuário, tornando a análise mais profunda ou superficial, variando de acordo com a necessidade deste. Além disso, a situação da empresa e sua posição no mercado tornam os indicadores muito genéricos, não se aplicando apenas a certo tipo de empresa, mas ao todo. Desta forma, tanto o número, quanto a variação dos índices a serem utilizados em cada empresa variam de acordo com cada uma delas. (MARION 2010; MATARAZZO 2007).

Os índices ou indicadores podem ser divididos em dois grupos, os índices financeiros, que tratam da parte financeira da empresa e os econômicos, que estão direcionados à parte econômica da mesma. Dentro destes dois grupos de indicadores, destacam-se outros três subgrupos de índices, os índices de Estrutura de Capital e Liquidez, que dizem respeito à situação financeira, e o índice de Rentabilidade à parte econômica. (SILVA 2004; MATARAZZO 2007). Dentro das subdivisões citadas há um número de índices a serem analisados em conjunto, de forma a verificar as modificações nas demonstrações através da comparação entre eles.

Os índices de estrutura se referem à parte financeira da empresa. De acordo com Silva (2004) a estrutura de capitais de uma empresa envolve a composição de suas fontes de financiamento. Os fundos aplicados em ativos circulantes ou não circulantes são provenientes dos proprietários da empresa ou de terceiros. Deste modo os indicadores evidenciam aspectos importantes sobre as fontes de financiamento do capital da empresa, tais como o quanto de capital de terceiros a empresa utilizou em comparação com o capital próprio, ou qual o percentual de obrigações à curto prazo em relação ao total. Além disso, os índices de estrutura podem revelar o quanto dos recursos da empresa, estes próprios ou de terceiros foi investido em ativos não circulantes, identificando os níveis de imobilização da empresa. (SILVA, 2004; MATARAZZO, 2007).

O índice de capital de terceiros ou de endividamento mostra o quanto de capitais de terceiros há investido na empresa, ou seja, o quanto a mesma é dependente de capitais externos para a manutenção de suas atividades. (MATARAZZO, 2007).

Este índice, assim como os demais a seguir, efetua o levantamento da informação através da utilização de fórmulas que comparam os valores a serem analisados. Neste caso a fórmula para o cálculo do endividamento seria expressa da seguinte forma (Figura 1):



$$E = \frac{\text{CAPITAIS DE TERCEIROS}}{\text{PATRIMÔNIO LÍQUIDO}}$$

Figura 1: Fórmula Endividamento.

Fonte: Dados da pesquisa:

Onde:

E: Endividamento

Capital de terceiros: Passivo Circulante+Passivo Não Circulante

Como o ilustrado na Figura 1, o Índice de participação de capitais de terceiros é conhecido com a comparação do capital de terceiros (Passivo circulante + Passivo não circulante) e o total do patrimônio líquido da empresa. O resultado desta equação significa o valor percentual de quanto a empresa utiliza de capital de terceiros para cada R\$ 1,00 de capital próprio. A leitura deste índice, isoladamente e mantidos constantes os demais fatores, pode ser de quanto menor o resultado da equação melhor para a empresa, uma vez que possuir maior volume de capital de terceiros do que de capital próprio investido nas atividades da empresa, pode indicar um maior risco. (MATARAZZO, 2007).

Existem empresas que sabem fazer com que um endividamento alto gere lucros administrando os valores provenientes de terceiros e obtendo uma remuneração capaz de financiar esse capital, de modo que um alto endividamento não significa, necessariamente, um grande risco para as mesmas. (SILVA, 2004; MATARAZZO, 2007).

O índice de composição do endividamento, como o próprio nome já deixa claro, significa do que é composto o endividamento da empresa, ou seja, a porcentagem de obrigações à curto prazo em relação ao total das dívidas. (MATARAZZO, 2007). Esse cálculo auxilia os gestores a terem o conhecimento do quanto irão precisar pagar em curto e longo prazo, o que é expresso pela seguinte fórmula (Figura 2):

$$CE = \frac{\text{PASSIVO CIRCULANTE}}{\text{CAPITAIS DE TERCEIROS}}$$

Figura 2: Fórmula Composição do Endividamento.

Fonte: Dados da pesquisa.

Onde:

CE: Composição do Endividamento

A fórmula demonstrada na Figura 2, representa o quanto de dívidas à curto prazo a empresa tem em comparação com o total, de forma mais clara, o quanto de R\$ de dívida a curto prazo a empresa possui, para cada R\$ 1,00 do total. Este índice, de maneira geral pode ser definido como o quanto menor, melhor. Isso significa que para as dívidas à curto prazo, da mesma forma, ela terá de gerar lucros a curto prazo para sanar estas obrigações. Em caso de maior quantidade de dívidas à longo prazo, a empresa terá uma maior folga financeira, uma vez que terá mais tempo de atividades para gerar o lucro capaz de pagar a dívida. (SILVA 2004; MATARAZZO 2007).

O Índice de Imobilização do Patrimônio Líquido aponta o quanto de capital próprio está sendo investido ou aplicado no Ativo Não Circulante. Este Índice pode ser exemplificado pela seguinte fórmula (Figura 3):

$$IPL = \frac{\text{ATIVO NÃO CIRCULANTE}}{\text{PATRIMÔNIO LÍQUIDO}}$$

Figura 3: Fórmula Imobilização do Patrimônio Líquido.

Fonte: Dados da pesquisa.

Onde:

IPL: Imobilização do Patrimônio Líquido

A fórmula acima (Figura 3), permite verificar o quanto de recursos próprios em R\$ está sendo utilizado para financiar R\$ 1,00 da parte Não Operacional do Ativo. Para a empresa, o quanto menor for o resultado da divisão destes fatores, melhor estará a sua condição, pois o ideal é que a mesma disponha de capital suficiente para financiar toda a parte Não Circulante do Ativo e mais uma parcela do Ativo Circulante, que representa o seu



capital em curto prazo. Este capital investido no ativo circulante pode ser denominado, de acordo com Matarazzo (2007), como “Capital Circulante Próprio (CCP), que representa a parcela do patrimônio líquido destinada ao Ativo Circulante”. Deste modo, quanto maior o valor investido em Ativos Não Circulantes, menor se torna o Capital Circulante Próprio da empresa. Caso o resultado da equação for muito elevado, a empresa terá de buscar capitais de terceiros para financiar o seu Ativo Não Circulante. Isso significaria uma maior dependência de fatores externos e uma maior pressão nos ativos, uma vez que, os esforços para gerar valores que possam financiar as atividades em curto prazo e pagar dívidas em longo prazo, estarão ao lado dos esforços para adquirir, ou renovar constantemente os financiamentos junto aos credores. Uma grande parte dos Ativos financiada por terceiros não representa, fundamentalmente, um comprometimento absoluto da mesma, porém, pode ser caracterizado como um risco a mais para a manutenção das atividades. (MATARAZZO, 2007).

O cálculo da Imobilização dos Recursos não Correntes consiste em avaliar o quanto destes recursos de longo prazo a organização aplicou em Ativos Não Circulantes. O índice pode ser obtido através da fórmula abaixo (Figura 4):

$$\text{IRNC} = \frac{\text{ATIVO NÃO CIRCULANTE}}{\text{PATRIMÔNIO LÍQUIDO} + \text{PASSIVO NÃO CIRCULANTE}}$$

Figura 4: Fórmula Imobilização dos Recursos Não Correntes.

Fonte: Dados da pesquisa.

IRNC: Imobilização dos Recursos Não Correntes

Como o demonstrado na Figura 4, os Recursos Não Correntes de uma empresa podem ser exemplificados pela soma do Patrimônio Líquido com as obrigações de longo prazo, representadas pelo Passivo Não Circulante. Para a empresa, o resultado da equação acima proposta representa o quanto de seus recursos próprios, mais a soma dos recursos provenientes de financiamentos de longo prazo, destinado ao Ativo Não Circulante. Em tese, de acordo com Matarazzo (2007), o resultado deste índice não deveria ser superior a 100%, uma vez que, quanto maior a parcela de recursos próprios ou financiamentos de longo prazo estiver disponível para que a empresa invista em seu Ativo Circulante, maior a folga financeira para a empresa.

A folga financeira de uma empresa é representada pelo Capital Circulante Líquido (CCL). Segundo Matarazzo (2007, p. 160), o CCL pode ser traduzido como “a parcela de Recursos Não Correntes destinada ao Ativo Não Circulante...”. Desta forma, quanto menores os valores Não Correntes investidos em Ativos Não Circulantes, maiores serão os recursos disponíveis em curto prazo, ocasionando uma maior folga financeira da empresa. Alguns componentes do Ativo Não Circulante tem vida útil que pode variar de 2 anos até 50 anos, desta forma, torna-se possível utilizar recursos de terceiros à longo prazo para financiar estes ativos, reservando uma maior parte de Capital Circulante Próprio. O financiamento de Ativos Não Circulantes torna-se viável à empresa quando o período de duração deste for compatível ao do pagamento, ou ainda, quando a empresa for capaz de gerar recursos suficientes para pagamento dos financiamentos de longo prazo. (MATARAZZO, 2007).

Os índices de Liquidez buscam demonstrar qual a base da situação financeira da empresa. Ao contrário do que é possível deduzir, os índices de liquidez não são índices que medem a capacidade de pagamento da empresa, o que estaria relacionado ao fluxo de caixa. Os índices fazem o confronto dos Ativos Circulantes com o total das dívidas, visando obter um resultado capaz de dimensionar a pressão nos ativos da empresa, ou seja, se a mesma irá conseguir gerar os recursos necessários através do giro dos mesmos. (SILVA 2004; MATARAZZO 2007; MARION 2010).

O índice de Liquidez Geral na visão de Silva (2004, p. 308), “... indica o quanto a empresa possui e dinheiro, bens e direitos realizáveis a curto e longo prazo, para poder fazer face às suas dívidas totais”. Desta forma, pode-se exemplificar a Liquidez Geral por meio da seguinte fórmula (Figura 5):

$$\text{LG} = \frac{\text{ATIVO CIRCULANTE}}{\text{PASSIVO CIRCULANTE} + \text{PASSIVO NÃO CIRCULANTE}}$$

Figura 5: Fórmula Liquidez Geral.

Fonte: Dados da pesquisa.

Como fica claramente exposto na fórmula, demonstrada na Figura 5, este índice busca confrontar os recursos de curto e longo prazo com os bens e direitos do mesmo período, identificando assim, se a empresa tem capacidade ou não de obter o retorno esperado das suas atividades. A interpretação deste índice seria de R\$ 1,00 de bens e direitos para cada R\$ 1,00 de obrigações totais, desta forma o resultado da equação pode ser



entendido como de quanto maior melhor. Apesar de o índice de liquidez geral demonstrar a situação da empresa em curto e longo prazo, o mesmo não deve ser objetivo de análise de forma isolada, uma vez que, analisado separadamente o índice aplica a condição de solvência da empresa caso as suas atividades terminassem no momento do período o qual foi utilizado para a análise. (SILVA 2004; MATARAZZO 2007).

Sabendo-se que, o Passivo Não Circulante se trata de obrigações à longo prazo, atenua-se a análise, se por exemplo, em um determinado período a empresa apresentar resultado insatisfatório no cálculo do índice, e não possuir recursos para suprir seus compromissos a longo prazo, uma vez que a mesma não necessariamente estará em risco em função disto, e o índice apenas evidenciará que ela tem de gerar recursos capazes de reverter a situação no futuro. Se o resultado negativo corresponder em sua maior parte de seu Ativo Circulante, isso significa que a empresa pode apresentar dificuldades de pagar suas dívidas em curto prazo. (SILVA 2004; MATARAZZO 2007).

O Índice de Liquidez Corrente, exposto na Figura 6, refere-se à capacidade de solvência da empresa no curto prazo. A fórmula para o cálculo deste índice apresenta-se da seguinte forma:

$$LC = \frac{\text{ATIVO CIRCULANTE}}{\text{PASSIVO CIRCULANTE}}$$

Figura 6: Fórmula Liquidez Corrente.

Fonte: Dados da pesquisa.

A interpretação deste índice pode ser de o quanto maior melhor, uma vez que indica o quanto em R\$ 1,00 a empresa possui em seu Ativo Circulante para cada R\$ 1,00 de seu Passivo Circulante. De forma geral este Índice poderia representar simplesmente se a empresa possui recursos de curto prazo para arcar com as obrigações em curto prazo. Porém, na prática, uma série de fatores pode influenciar no resultado do índice. Estes fatores, que são peculiares de cada empresa podem ser entre o fluxo de pagamentos e recebimentos, que pode variar. Além disso, existe a questão dos estoques e títulos a receber, que em tese, fazem parte dos recebimentos em curto prazo, todavia, não se pode na maioria das vezes, vender todo o estoque de forma rápida e também receber todas as duplicatas, já que podem ocorrer casos de inadimplência, que podem influenciar no resultado da análise. Para a administração da empresa, o índice de Liquidez Corrente aponta para o quanto a empresa possui de folga financeira, ou seja, o quanto de Capital Circulante Líquido a empresa possui. Além da forma já mencionada anteriormente, outra maneira de se encontrar o valor do CCL é justamente, subtraindo-se os valores do Ativo Circulante menos o Passivo Circulante. Quanto maior o resultado da soma, mais Capital Circulante Líquido, ou folga financeira possui a empresa. (MATARAZZO, 2007).

O Índice de Liquidez seca, assim como os demais índices de liquidez, visa observar o quanto de recursos a empresa possui, em contrapartida de suas obrigações. Porém, o índice de Liquidez Seca, aponta para aspectos que são intrínsecos de cada empresa, bem como dependem de fatores de mercado e da experiência do responsável pela análise. Desta forma, não há uma fórmula específica para o cálculo deste índice, porém pode-se considerar de modo geral a fórmula apresentada na Figura 7: (SILVA 2004; MATARAZZO 2007).

$$LS = \frac{\text{ATIVO CIRCULANTE} - \text{ESTOQUES}}{\text{PASSIVO CIRCULANTE}}$$

Figura 7: Fórmula Liquidez Seca.

Fonte: Dados da pesquisa.

Deste modo, o índice de Liquidez Seca, demonstrado na Figura 7, abrange todos os ativos de rápida conversão, ou que não oferecem risco de recebimento em demasia para fins de análise. Sua interpretação é de quanto maior melhor, já que a fórmula representa o quanto de Ativo Líquido a empresa possui, para cada R\$ 1,00 de dívidas em curto prazo. Em função da subjetividade deste índice, vale utilizar-se como auxílio os demais índices de liquidez para fornecer mais precisão nas análises. Em regra geral, o valor resultante da equação acima representa a capacidade de liquidação de obrigações excluindo-se os ativos que podem oferecer risco, tais como duplicatas não recebidas e estoques não vendidos. Desta forma, apesar de subjetivo, quanto maior for o resultado do índice melhor, uma vez que o fato de o índice apresentar valor negativo pode representar que a empresa possui estoques não vendidos, por exemplo, e não necessariamente que ela não tenha ativos suficientes para liquidar os compromissos. (MATARAZZO, 2007).

Segundo Matarazzo 2007 p. 175 “os índices deste grupo mostram qual a rentabilidade dos capitais investidos, isto é, o quanto renderam os investimentos e, portanto, qual o grau de êxito econômico da empresa”. Desta forma, entende-se por rentabilidade a eficiência da empresa em gerar retorno dos investimentos realizados.

O Giro do Ativo compreende o quanto os investimentos que a empresa realizou em determinado período,



evidenciado no valor total do seu Ativo, geraram de receitas. O índice pode ser exemplificado por meio da seguinte fórmula (Figura 8):

$$GA = \frac{\text{VENDA LÍQUIDA}}{\text{ATIVO}}$$

Figura 8: Fórmula Giro do Ativo.

Fonte: Dados da pesquisa.

O giro do ativo, demonstrado na Figura 8, evidencia se o volume de vendas da empresa é o adequado a partir do total dos investimentos. A sua interpretação é de quanto maior melhor, uma vez que representa o total de vendas da empresa para cada R\$ 1,00 do total de investimentos. Caso o índice não apresentar nível satisfatório, isto pode ser um sinal de que as vendas não estão gerando o retorno esperado pelos investidores, que de acordo com o segmento de mercado o qual a empresa estiver inserida, pode variar entre as empresas do mesmo ramo de atividade, devido às estratégias da própria empresa, além de fatores de mercado. (SILVA 2004; MATARAZZO 2007).

Este Índice avalia o quanto de lucro está sendo obtido nas vendas, e de forma geral pode ser expresso pela seguinte fórmula (Figura 9):

$$ML = \frac{\text{LUCRO LÍQUIDO} \times 100}{\text{VENDA LÍQUIDA}}$$

Figura 9: Fórmula Margem Líquida.

Fonte: Dados da Pesquisa.

O valor obtido nesta divisão, conforme mostra a Figura 9, evidencia o quanto as vendas da empresa estão gerando de lucro. A sua interpretação pode ser de o quanto maior melhor. Alguns fatores como preço de custo, preço de venda das mercadorias, bem como valores significativos de despesas e receitas não operacionais podem influenciar diretamente no lucro líquido, influenciando consequentemente no índice. (SILVA 2004; MATARAZZO 2007).

O índice de Rentabilidade do Ativo visa demonstrar o quanto de lucro a empresa conseguiu gerar a partir dos investimentos realizados e pode ser mais claramente expressa na Figura 10, por meio da seguinte fórmula:

$$RA = \frac{\text{LUCRO LÍQUIDO} \times 100}{\text{ATIVO}}$$

Figura 10: Fórmula Rentabilidade do Ativo.

Fonte: Dados da Pesquisa.

O índice de Rentabilidade do Ativo, na concepção de Matarazzo (2007 p. 179) "... mostra quanto a empresa obteve de Lucro Líquido em relação ao Ativo. É uma medida do potencial de geração de lucro por parte da empresa". Através da fórmula, se obtém o percentual de quanto a empresa gerou de lucro para R\$ 100,00 de Investimento total. Deste modo, a sua interpretação seria o quanto maior, melhor. Assim, conclui-se que, confrontando as duas importâncias acima, pode-se observar se os investimentos nas atividades da empresa estão gerando o retorno esperado. Além disso, o índice de Rentabilidade do Ativo mostra a capacidade da empresa gerar capital próprio, a partir do lucro líquido. (MATARAZZO, 2007).

No índice de rentabilidade do Ativo, abordado acima, são comparados os valores de investimentos totais, com o lucro obtido. O índice de Rentabilidade do Patrimônio Líquido trabalha com a mesma comparação de lucro sobre investimentos, porém, agora são confrontados os investimentos provenientes do Capital Próprio da empresa com os lucros que estes possam gerar.

A fórmula para o cálculo da Rentabilidade do Patrimônio Líquido pode ser demonstrada da seguinte forma (Figura 11):

$$RPL = \frac{\text{LUCRO LÍQUIDO} \times 100}{\text{PATRIMÔNIO LÍQUIDO}}$$

Figura 11: Fórmula Retorno do Patrimônio Líquido.



Fonte: Dados da Pesquisa.

O resultado da operação acima, demonstrado pela Figura 11, procura evidenciar o quanto de retorno está sendo gerado aos acionistas e proprietários da empresa, para cada R\$ 100,00 dos investimentos realizados, portanto, a interpretação do índice é de o quanto maior melhor. O percentual resultante deste cálculo, por tratar-se de uma análise de investimento pode ser comparado a outros tipos de investimentos, tais como poupanças, CDB, ou demais aplicações financeiras. (SILVA 2004; MATARAZZO 2007).

4 CONCLUSÃO

A partir do presente trabalho pode-se concluir que os estudos realizados na área das análises das demonstrações contábeis, servem como importante instrumento de geração de informações para que as empresas tenham um maior conhecimento de suas atividades e do real estado de sua situação econômica e financeira. Analisando isoladamente cada índice ou até mesmo um grupo de indicadores, são extraídas informações que podem não representar a real situação da empresa, uma vez que a utilização dos índices em conjunto, serve justamente para completar as análises, melhor auxiliando aos gestores da empresa na tomada de decisões. Para melhor instrumento de comparação, torna-se necessário buscar outras fontes de pesquisa, tais como a situação do mercado e se possível, de outras empresas do mesmo setor, para melhor compreensão das informações extraídas dos índices. Recomenda-se que sejam exploradas mais profundamente as análises dos índices de desempenho, uma vez que novos estudos acerca de sua utilidade, bem como de seus impactos e implicações no cotidiano das empresas, pode fornecer informações de grande utilidade, por meio de pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

MARION, José Carlos. **Análise das demonstrações contábeis**. 5. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise Financeira de Balanços: abordagem gerencial** / Dante Carmine Matarazzo. – 7. ed. – São Paulo : Atlas, 2010.

NETO, Alexandre Assaf. **Estrutura e análise de balanços**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PADOVEZE, Clóvis Luís; BENEDICTO, Gideon Carvalho de. **Análise das demonstrações financeiras**. 2.ed. ver. e amp. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SILVA, José Pereira da. **Análise financeira das empresas**. 4. ed. São Paulo. Atlas, 1999.